

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Redacção e Administração:
Rua de Payo Galvão, 70

SEMANARIO MONARCHEICO

Propriedade da Empresa
DOS
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

Pagina de João de Meira



Imitação de diversos auctores

(Reincidência)

Cantar de amigo

Ay flores, ay flores do verde mato,
Se sabedes novas do auctor do Amato,
Ay Deus, e ué?

Ay pozos, ay pozos, pozos de bismutho,
Se sabedes novas de quem fez Zacuto,
Ay Deus, e ué?

Ay neve, ay neve, neve em avalanches,
Se sabedes novas do auctor do Sanches,
Ay Deus, e ué?

Ay flores, ay flores, de todo o anno,
Se sabedes novas do Maximiano,
Ay Deus, e ué?

Vos perguntades por Maximiano
E eu bem digo que elle é vivo e sano,
Ay Deus, e ué?

REY DOM DINIZ

Saudade

Qual o doce ribeiro, que de leve
Atravessa mil prados e campinas
E as aguas parte, que depois recebe,
Em duas puras fontes crystallinas,
Juntas as nossas vidas tempo breve
Se apartaram depois por varias signas,
E agora vão seguindo de anno em anno,
Pobres vidas, de engano em desengano.
Mas se a agua dos rios não percebe
Saudade de outras aguas diamantinas,
Não são gemeas das aguas, nem se deve
As aguas comparar vidas tão dinas;
Que por longe que o triste fado as leve
Saudades vem juntar as peregrinas,
Sem esperar que ao fim de tanto engano
As junte a morte, que é profundo oceano.

LUIZ DE CAMÕES.

Anteloquio

Feixe de imitações, pastiches, ou o
quer que é, pretende seu auctor que
breve explicação eu aqui lhe exare. Vá
de fazer-lhe a vontade. Mais não pôde
ser, conforme em seu recente volume
da *Formation du style* o francez Albat
pretende, esta ordem de trabalhos
que, de gymnastica litteraria, simples
exercício. E quão facil seja imitar um
auctor, pois que difficil se não torna
apanhar-lhe os defeitos e exageral-os
em traço caricatural, vai para um seculo
que o Marquez de Roure o escreveu.
Mas verdade manda que dito fique
ser o *pastiche* um estudo util, que leva
a analysar o estilo dos mestres e orienta
para que um estilo proprio se obtenha,
embora paradoxal pareça. Eis o
que tenho a frisar tão só, já que da
personalidade a que o livro é consagra-
do, occupar-me não quero, que lugar,
e de destaque, lhe reservo em *Os do Ly-*

ceu, livro que tenho planeado sobre a
geração em que o unico desaproveitado
precisamente sou.

BRUNO.

O seu retrato

Verruga no nariz, barba aguçada,
Curta a vista, o pescoço e o cabelo;
Gordo, mas não de mais, um ar singello,
A mão pelo cigarro defumada.

Linda gravata, roupa bem talhada,
Chapeu em que Avelino poz bom pello,
Collete que o Viegas cõra ao vel-o,
Bota de couro inglez bem engraxada.

Escriptor que procura novidades
Nos entulhos do eterno esquecimento
E assim faz reviver outras idades.

Eis Lemos, em quem luz grande talento.
Um collega escreveu estas verdades
Dizendo ser Bocage em tal momento.

BOCAGE.

Maximiano medicin-légiste

Le cadavre était couché sur la table.
Ses chairs flasques pendaient et sa peau
ridée semblait trop grande pour ses
muscles. Toute une moitié du crâne
avait disparue, prise et broyée entre
deux rouages dans l'usine. La cervelle
avait jailli, et des taches de sang écla-
boussaient son cou, ses bras et sa poi-
trine velue comme celle d'un singe.
Des os pointaient à ses coudes, ses on-
gles étaient brochés de noir. Il n'avait
plus de pieds; seulement des paquets
de nerfs arrachés pendaient aux ex-
trémités de ses jambes coupées, comme
des cordages à la mâture d'un navire.

Maximiano par, um bistouri a la
main. Il renifla l'air, il hochá la tête et
il lâcha:—Nom de nom de Dieu! Faut
que je répète pour la centième fois que
je veux ces portes toujours ouvertes?
On ne peut pas tenir avec une pua-
teur pareille!

Le vieux employé s'avance clopin-
clopant; il trainait la jambe gauche et
louchait d'une façon terrible. Sans une
parole, de ses mains nouées et rouges,
marbrées de cicatrices et de taches brunes,
il ouvrit la porte toute grande.

L'air extérieur s'engouffra dans la lar-
ge baie, balayant les mauvaises odeurs,
agitant une mèche de cheveux restée
à la tempe droite du mort, apportant
du dehors les senteurs amoureux
des du printemps, si puissantes que le
propre cadavre en parut emu.

Alors Maximiano se rapprocha de la
table; et regardant d'un oeil impassible
et froid cette lamentable gemme, où
il manquait le crâne et les pieds:—Voi-
là, dit-il, une affaire qui n'a ni queue
ni tête.

ÉMILE ZOLA.

Inveja

Quando elle entrava na Escola,
Em tempo de maior bitola,
Alguns se punham a bradar:
—Ahi vem o Maximiano,
É o terror do terceiro anno.
Rapazes, toca a estudar!

E chegados aos exames
Eram rapozas aos enxames,
Eram rapozas de escacar!
Mas ninguem topa, com verdade,
Uma falta de probidade
Para poder vir-lhe assacar!

Passou, depois, ao quinto anno,
Ahi tornou-se mais humano,
Como bem era de esperar,
Já não dava rapozaria,
Que tal lugar não permittia
Por ir o curso terminar!

Ha pouco, emfim, chegou-lhe a hora
De poder ir por ahi fóra,
E a nossa Escola abandonar.
Deixa saudade e deixa inveja,
Pois, ai de nós! quem não deseja
Na sua pel' poder estar!

ANTONIO NOBRE.

(In Memoriam)

Cronica

Em aquesto tempo vivya em Gaya,
que ora chamom villa nova delRey um
homé muy honrado e bom letrado, ami-
go de poer por letra as vida dos que
antiguamente uzaram de colorgia e phy-
sica, e lia physica no Estudo do Porto.
O qual se chamava Mestre Maximiano
e era muy acyete delRey, que folgava
muyto de o ouvir. E sendo de LI annos
pouco mais e menos se veio aa junta,
que o reformassem, que era sordo e
mais nom podia ler physica; e o reformar-
aram e se foi ende a tornar pera seus
livros. Por cujo aazo prouge a seus
amigos de lhe offerrecer de jantar que
todos comeram e grandemente lhes
prestou.

FERNÃO LOPES.

Auto do jantar

Figuras: RUBENA
BRAZ

Este auto foy representado ao muito
poderoso senhor D. Maximiano no
anno de 1911, no Porto.

BRAZ—Deixa-me ver o tabardo
E a minha carapuça!
RUBENA—Donde vás, por saber ardo?
BRAZ—Mulher estás uma ussa,
Não seas curisidosa,
Que não é cousa formosa,
Cata amanhos que fazer,
Não seas intrometida.
RUBENA—Io lo quero saber,
Pues que soy io tu mujer!
BRAZ—Não virá por ti má trama,
Que me importa teu zello?
Não vou com outra na cama...
RUBENA—Y parte, Dios de lo cielo!
BRAZ—Cala-t'hi bocca praguenta,
Fuge lá, bicha sarnenta,
Que vou jantar com amigos,
E mail-o Maximiano,
Que ora foi reformado,
E vai viver descansado.
Cuidarás tu que t'engano?
Ficam-te ahi quatro figos
E um salemim d'azeitonas,
Já muito tens que comer,
Se lhe aproveitar's as tonas,
Emquanto eu não vier.

GIL VICENTE.

Rimance popular

O dia 8 d'agosto
E' dia de festejar!
E a nobre villa da Regua
Jamais o hade olvidar,
Que nesse dia nasceu
Quem muito a hade illustrar,
Quem muito já a illustrou
E hade continuar...
Maximiano de Lemos,
Pois que é assim seu chamar,
Nesse tal dia nasceu
Nesse pequeno lugar.
Depois que chegou á idade

Ao Porto veio estudar,
E as aulas do Lyceu
Principiou a cursar,
Mostrando desde o começo
No que havia de vir dar,
Pois que ainda tão menino
Começou a rabiscar.
Passando na Academia
A' Escola foi parar,
Onde no primeiro anno
Um R lhe foram dar,
Injustiça reparada
Dando-lhe lá um lugar,
Onde brilhou por maneira
Impossivel de narrar.
Agora, que chega o dia
De se poder reformar,
Em tão bella companhia
Vae papar um bom jantar.

ANONYMO.

Sabêr

Sabêr, filho espurio da Verdade,
A quem a mãe cruel sempre engeitou!
Tu que quanto mais cresces em idade
Mais longe vês a mãe que te gerou,

Para que ao começar-lhe a mocidade
Foi que teu halito rude o bafejou?
Pois para que hade elle, para que hade
Cançar um dia que inda não chegou?

De que vale, Sabêr, o consumir
Esterilmente um anno e outro anno,
Se o tempo tudo hade emfim delir?

De que vale, Sabêr, estudo insano,
Se o passado, o presente e o porvir
São engano... são tudo o mesmo engano!

ANTONIO DE QUENTAL.

Capitulo da «Reliquia»

Então o douto Topsisius disse-me for-
malizado e solemne:

—Dom Rapozo, affiança-lhe um ho-
mem que a Allemanha escuta em ques-
tões de critica e de historia; ha no seu
paiz uma figura que basta á reputação
de uma nação.

Eu murmurei vagamente:—Sim, em
Portugal ha grandes vultos, ha o Her-
culano, ha o Rebello da Silva, o Zé Ri-
cardo, o Morgado de Covas...

Não D. Rapozo não, atalhou o eru-
dito homem, Herculanoo foi um rigido,
alimentando-se do facto nã, estreme,
sem poesia, sem scentelha...

Eu presuroso já atalhar:—E o Eu-
rico, e o Eurico?

Mas já Topsisius epilogava esguio e
lento com os doutos oculos refulgindo
na ponta do bico:

Herculanoo era um secco, Rebello da
Silva um rethorico, Oliveira Martins um
dilettanti. Não D. Rapozo, em verdade
lhe digo, o homem a quem me refiro é
o Maximiano...

—O nosso, o do Porto? gritei arre-
batado. E depois, mais sereno, passando
a lingua pelos labios, saboreando
com gula essa delicia:

—E' para ver Topsisius, é para você
ver! Grandes escriptores não nos fal-
tam. Sabe você o que ha pouco em Por-
tugal? E' quem saiba ler, sapiente ami-
go, é quem saiba ler!

EÇA DE QUEIROZ.

O concelho de Guimarães

«Foi numa destas villas, constituida
como acabamos de expôr, que teve ori-
gem a cidade de Guimarães.

Mummadona, condessa viuva apa-
rentada com a casa real de Leão, em
observancia de um voto de seu marido
na hora de morrer, edificou na quinta
de Vimaranes, pelo meado do seculo X,
um mosteiro duplex a que se recolheu,
dotando-o amplamente.

Poucos annos passados, sob o terror
de uma irrupção normanda que viera
até perto, juntou ao convento, no monte
que lhe ficava a cavalleiro, um cas-
tello que podêsse servir-lhe de defeza e
refugio.

Mummadona e seus filhos eram abun-
dantemente ricos. Poderam assim favo-
recer o mosteiro com amplissimas doa-
ções, que este augmentou em compras
successivas.

A' data da entrada do conde D. Hen-
rique na Hespanha, um seculo depois
da sua fundação, o cenobio vimaranen-
se era já riquissimo em terras. Do Mi-

nho ao Vouga, e ainda para além d'estes
rios, se lhe contavam numerosas pro-
priedades, como o attesta o inventario
dos bens realizado em 1059.

O burgo vimaranense nasceu e des-
envolveu-se sob a influencia desta cres-
cente prosperidade. Onde cem annos
antes viviam apenas alguns miseraveis
servos de gleba cultivando um predio
rustico, surgira uma população inteira
acolhendo-se á protecção espiritual do
convento e á segurança material do
castello.»

«O Minho é uma região maldita e
uma região desconhecida.

Para admirar o Minho bastam dez
minutos sobre uma serra. O ar puro
encanta, o trilo das aves seduz, o es-
plendor da paisagem deslumbra. O via-
jante que vem ao Minho e encontra em
dezembro os montes cobertos da flores-
cencia amarella do tojo e da sua perpe-
tua verdura, quando por toda a parte
reina a desolada nudez do inverno, sen-
te-se entusiasmado.

Camillo, que havia de ser o pintor
fiel da vida minhota nas suas multiplos
manifestações e na variedade das suas
personagens, quando veio habitar Seide
pela primeira vez, soffreu esta impres-
são calorosa. O *Amor de Salvação*
abre por algumas paginas de vibrante
descriptivo, onde passa o seu deslum-
bramento primeiro.

Mas, se para admirar o Minho basta
uma hora, para o conhecer são neces-
sarios annos, trilhando duros caminhos
pedregosos, saltando portillos, corren-
do atalhos entre milheiras, vadeando
regatos nas poldras, comendo pão duro
à mesa dos pobres, escutando-os desfiar
o rosario das suas negras miserias.

O que os observadores superficiaes
vêem no Minho é a terra. O que elles
quasi sempre esquecem, ou apenas lem-
bram para annotar a sua transitória ale-
gria no arraial, é o obscuro obreiro que
ha vinte seculos desceu dos cérrcos em
que se empoleirava e, ensinado pelo ro-
mano, começou a épica lucha intermina-
vel para arrancar á terra o sustento que
ella avaramente recusa, e só escassa-
mente cede á custa de esforços inenar-
raves.

O minhoto é em Portugal um des-
conhecido. Ramalho Ortigão levou a
sua ignorancia do Minho, que descrevia
nas *Farpas*, a ponto de dizer que nelle
se conheciam apenas cinco ou seis doen-
ças tradicionaes.

Nada menos verdadeiro.
Ramalho alyhsou o Minho na im-
perial de uma diligencia, o que consti-
tue um bem fraco observatorio.

Outros escriptores que, como Rama-
lho, viram o Minho e d'elle escreveram
—D. Antonio da Costa e o proprio Jo-
sé Augusto Vieira, que era do Minho,
—apenas lhe contemplaram a paisagem:
não souberam ou não quiseram pres-
crutar-lhe a vida. E o Minho é uma
decoração de pastoral onde se represen-
tam tragedias.

Aquella casinha além, vista de longe,
no pendor da encosta, com o seu muro
caído, a sua horta de couves, as suas
arvores envidadas, a sua cancella ver-
melha, tem um ar virgiliano que attrahe.
Entra-se. Dentro é um horror. Na la-
reira uma so panella, onde ferve um ma-
gro caldo. Ao lado, entrapado em far-
rapos, um homem, um monte de carne
que já teve forma humana, agonisa ha
vinte annos coberto de ulceras repellen-
tes. E' um leproso.

Ha d'isto aos centos pelo Minho.
Na revolta de um carreiro encontra-
se um velho esqueletico, curvado, en-
canecido, com as mãos em sangue e as
pernas tremulas. Dir-se-hia ter cem an-
nos. Interroguem-no. Pouco mais ter-
rá de quarenta. O trabalho escanga-
lhou-o, a fome quasi o mumificou, e
um mal estranho, que sempre o queima
e a cada passo o desvaira, vae-lhe ca-
vando a pulcra. E' um pellagroso.

Ha d'isto aos milhares no Minho;
talvez ás dezenas de milhares.

Não, no Minho não ha cinco ou seis
molestias tradicionaes e inoffensivas.
No Minho, os homens não morrem
de velhice, como chamma que pouco a
pouco se extingue, depois de muito ter
ardido.

No Minho morre-se de fome, morre-
se de trabalho, de pouco resguardo con-
tra as intemperies do clima.

(Da *Dissertação Inaugural*.)

No folheto "Eusebio Macario em Guimarães," descreve João de Meira, a pag. 17, a entrada de Macario no Toural:

Eram 5 horas da tarde de um sabado quando Eusebio entrou no Toural. Sob o alpendre da Alfandega peixeiras espiolhavam-se, muito farrapadas, com os filhos pendurados dos seios mordidos de pulgas, escorridos como velhas meias com um pataco dentro; raparigas alegres, cheias de risos e de banha de cheiro, tiravam por artificiosas cannas a agua do chafariz, de tres taças, encimado pela esfera armilar; no botiquim do Vago-Mestre janotas de bigode e pera, o Martins Sarmento, o João Machado Pinheiro, o Luiz Cardoso, o José Falcão, conversavam, bebiam calices de cana; ás janellas do Pitta alfaiate, officiaes trabalhavam; nas escadas do *Cruzeiro do fiado*, lavadeiras vendiam afusos de estopa e meadas de linho; oleiros recolhiam o estendal de louça; porcos fossavam a meio do terreiro, junto de um lenhador que desfiaza canhotos com vagares methodicos; o sino grande de S. Pedro tangia, estremecendo as prateleiras da louceira installada no sopé da torre; uma guitarra gemia em casa do Bento barbeiro. Eusebio Macario cortejou de passagem o seu collega Mathias, o da *Botica da herba*, esbarretou-se deante da igreja de S. Pedro (porque apesar de *philosopho*, como a si mesmo continuava a appellar-se, entendia dever lisongear a piedade vimaranense) e foi apear-se á porta do Gaita.

VIMARANENSES ILLUSTRES

NÃO só nos tempos idos, em que a fama se alcançava a golpes de montante ou por actos de abnegada santidade, Guimarães se distinguio, pelos seus homens illustres, entre todas as terras portuguezas: tambem os sabios e os artistas, então e agora, abundaram neste recanto tranquillo do Minho.

D'entre os homens que nesta terra se distinguiram nos modernos tempos, e bem marcaram o seu lugar entre tantos de quem o povo se ufana, e de si deixaram grata e perduravel memoria, destaca-se Francisco Martins Sarmento, que a morte levou em plena actividade do seu cerebro potente.

Francisco Sarmento tem o seu dia em Guimarães como tem o seu templo: o dia 9 de março.

Nesse dia festivo sacrificase em honra d'esta divindade tuteladora vimaranenses, mas sacrificase exaltando aquelles que seguem a estrada luminosa que o seu espirito fulgurante traçou.

Coube agora a vez a dois homens que Guimarães estremecidamente amou pelo seu caracter, e sinceramente admirou pelo seu talento: Domingos Leite de Castro e João de Meira.

Um, já no pendor da vida, outro ainda na quadra das doiradas illusões, a ambos a morte parou o coração, suspendeu a vida, apagou a luz intensa que irradiava dos seus cerebros privilegiados, quando d'elles tanto havia a esperar.

Ambos elles, encantados com a obra de Francisco Sarmento, continuaram-na, certos de que fazendo-o, concorriam para a gloria e o lustre da sua terra natal.

Por isso Guimarães reconheceda, abre as portas do templo do seu Idolo, e nelle dá condigna jazida a dois dos seus mais convictos sacerdotes.

Ambos elles vivem na recordação amorosa e reconhecida dos seus conterraneos, na sentida saudade dos que, tendo tido a honra da sua intimidade, tiveram ensejo de poder admirar os primores dos seus caracteres e o fulgor dos seus espiritos.

Com tudo, a um d'elles, ao que a morte roubou prematuramente ao affecto da Esposa, dos Paes e da terra filhinha, acompanha, a par da saudade, a magoa de vêr tão depressa extincta uma aurora radiosa.

Dizer o que foi João de Meira, não é certamente para um cabouqueiro das letras, como não é

para um rude combatente parar a carpir um gigante que cae. Não treme nem brilha uma lagrima em olhos que o furor dos combates tornou ardentes, não porque o coração se negue a produzi-la, mas porque a febre a secca; e João de Meira, que foi um delicado e um affectivo, precisa de lagrimas e de flôres, que outros de mais fina sensibilidade e de mais aprimorada arte se dignam hoje aspergir sobre a sua cara memoria, d'esta modesta tribuna que, á falta de melior, lhes offerecemos.

Os «Echos de Guimarães», que hoje veem as suas columnas honradas com os nomes illustres dos que foram mestres, collegas, amigos, e todos admiradores do espirito gentilissimo de João de Meira, agradecem-lhes reconhecidos, e juntam ás homenagens que tributam ao sabio illustre e ao primoroso cultor das letras, de que esta terra tão justamente se ufana, e com tanta saudade recorda, as homenagens bem sinceras e bem sentidas, do seu immoredouro affecto e da sua progressiva admiração.

João de Meira

SURPREHENDEU-O em pleno vigor de mocidade a morte no meio do seu benedictino estudo. Mas sumindo-se na voragem imensa em tão verdes annos, teve vida bastante para marcar um lugar de raro brilho entre os nomes mais illustres de que se orgulha a terra que lhe foi berço e que elle apaixonadamente amou.

Guimarães e a familia eram os seus nubes terrenos. A Guimarães deu o seu primeiro grande trabalho, que lhe constitue padrão de immarcessível gloria: O *Concelho de Guimarães. Estudo de demografia e nosografia*. Dedicou-o ao seu pai, a quem commoivamente chamou «meu melhor mestre e meu maior amigo» e na dedicatória ternamente escreveu que «o fiz do meu affecto pela terra onde nasci, onde espero viver, onde desejei morrer...». Para Guimarães trabalhava ainda afanosamente, quando já a morte traiçoeiramente o espreitava. Foi já a braços com a doença que afinal o prostrou para sempre que o desventurado rapaz completou uma obra sobre a nossa historia social e politica que se propunha ler n'uma sessão solemne na Sociedade Martins Sarmento, ao mesmo tempo que era objecto dos seus maiores desvelos a continuação do monumental trabalho do Abade de Tagilde, Oliveira Guimarães, *Vimaranis Monumenta Historica*.

Estudava constantemente, estudava sempre. Dominava-o uma sedenta curiosidade, abrazava-o uma febre continua de saber e de crear, consumia-o o anseio supremo de attingir a summa perfeição e n'esta porfiada lucha aniquilou barbaramente o destino a sua vida preciosa, quando muitas coisas grandemente uteis havia a esperar do seu cerebro privilegiado, tão em harmonia com a elevação edificante do seu coração e com a fidalguia modelar do seu caracter.

ALFREDO PEIXOTO.

Homenagem merecida

A vetusta cidade de Guimarães, illustre por tantos titulos, mostra-se-nos ainda hoje, em presença duma acentuada decadência do caracter nacional, bem digna das suas gloriosas tradições do passado. Justamente orgulhosa da sua nobre origem, alberga dentro de seus muros de cidade mediévi-

ca um povo que, conscio do seu destino, e encarnando ainda as virtudes sublimes do Portugal heroico e glorioso de outros tempos, procura por todas as formas nobilitar e engrandecer a sua terra e honrar a patria que ama eternecidamente.

Não conhecemos mesmo outra parcela da familia portugueza, em que vibre mais intensamente a alma nacional, e que, na ânsia de progredir, mais entusiasmo e ardor ponha em todas as manifestações de carácter local. A que no dia dez deste mês se realisa á memoria do saudoso Doutor João de Meira, dignifica sobremaneira a briosa cidade de Guimarães, porque traduz a homenagem e glorificação aos merecimentos dum filho illustre, que era o seu orgulho, pelo seu formosissimo talento, pelo seu carácter dignissimo, pela vasta erudição que possuia, e sobretudo porque, se a morte o não surpreendesse tão cedo, viria a ser uma autentica gloria das letras pátrias.

Entendeu, e muito bem, o nobre povo desta cidade, que para homens desta envergadura não deve, após a sua morte, fechar-se a porta da eternidade, sem que pelo menos se digam a seu respeito algumas palavras de justiça e saudade, de maneira a perpetuar-lhes a memoria.

Bem haja, pois, a direcção da Sociedade Martins Sarmento, a que o saudoso morto ligou o seu nome por trabalhos de muito apreciável valor, em promover homenagem tão simpatica quanto merecida. Março de 918.

ANSELMO SILVA.

JOÃO DE MEYRA pertencia á falange dos estudiosos e ás afinidades do seu espirito orientavam-no sobretudo para as situações e acontecimentos do passado.

Era um evocador; e debaixo d'este ponto de vista o seu talento exercitava-se todos os dias em fazer viver e falar os actores e scenários, que se impunham á sua sensibilidade e que a sua fantasia debuxava em contornos luminosos.

Esta tendência inclinava-o irresistivelmente para os estudos históricos. Era já neste campo um erudito e em breve seria um organizador da tradição, um sistematizador da Historia.

Ao entrar no magistério encontrou alguém que o relacionava intimamente com essa corrente de investigadores, que na nossa Faculdade iniciou a Historia da Medicina. Maximiano de Lemos levava já muito adiantada a obra que tem constituido a preocupação da sua vida; e esse recebera directamente dos que o precederam o fogo sagrado que só os predeterminados e os adeptos descobrem e sabem conservar. Pacientemente, obstinadamente, ia reunindo os materiais da construção que delineara.

Era um centro de atração. João de Meyra acercou-se naturalmente d'ele e em breve o nome dos dois figurava na testeira de «Os arquivos», onde um e outro iam apurando materiais para novas edificações.

Assim vieram á luz alguns ensaios onde, a par da exegese historica, se retemperava o estilo e o critério.

Não me proponho acompanhá-lo na sua tão curta e malograda carreira. Neste momento e para desfago da saudade em que vai também um preito de admiração, eu quero apenas aludir a um episódio, em que o génio e o saber de João de Meyra se revelam flagrantemente.

Maximiano de Lemos decidiu em 1911 abandonar o ensino para se entregar mais de espaço á sua paixão absorvente. As sympathias que o seu convívio lhe grangeara

na Faculdade iam passar por uma rude prova.

Decidiram pois os seus Collegas offerecer-lhe um jantar de despedida, a que Maximiano de Lemos respondeu pouco depois com um outro, em sua casa, onde a amenidade efusiva do trato se prolongou até altas horas.

Não ha o menor exagero em supor que uma reunião destas, constituida por uma dúzia de homens illustres, inteligentes, duma cultura que sem favor se pode considerar notável no nosso meio, havia de decorrer em lances de interesse a que não faltava nenhum dos atractivos de que se rodeia a conversação scintillante, e o proposito subtil e jovial, a facécia donairoza e louçã.

Pois é forçoso confessar que nêsse concurso de graça e beleza espiritual João de Meyra encontrou ensejo de fazer sobresair a feição caracteristica da sua individualidade por forma que a nuvem de melancolia, que ás vezes pairava no seu rosto, se convertia em aureola de inspirado.

No intervalo de cada um dos pratos João de Meyra levantava-se, simples, recolhido e solene, e, chegando junto de Maximiano recitava-lhe um texto, composto no estilo dos nossos literatos mais notáveis desde o XII século até agora, alusivo á sua jubilação. A linguagem, o pensamento, a estrutura da frase, a própria feição critica ou dialética do autor, achavam-se reproduzidas com uma exactidão inexcusable. Ninguém diria que não estava ouvindo um trecho impressivo dum dos nossos mais considerados literatos, prosadores e poetas. Assim foram desfilando naquele cortejo apoteótico e comemorativo o rei D. Diniz, Fernão Lopes, Cristovão Falcão, Luiz de Camões, Diogo Bernardes, Padre António Vieira, Fialho de Almeida, Eça de Queiroz, António Nobre, Xavier de Novais e outros até concluir por uma engraçada facécia, estilo Conan Doyle, intitulada Sherlock Holmes no Porto. Era uma verdadeira balada heroica, fazendo lembrar a balada dos mortos, de Huland.

Quando assim se consegue imprimir ao estilo um tal poder de penetração e análise, êle deixa de ser uma simples manifestação do caracter para se tornar uma arte requintada e suprema, que só o estudo e o trabalho assiduo podem conferir.

CANDIDO DE PINHO.

A MAIOR HOMENAGEM

NUNCA víamos a João Meira.

Ainda longe daqui lêmos um dia nos jornaes, que tinha feito sensação a discussão da bem elaborada tése que êle defendeu perante a Escola Médica do Porto.

Um amigo nosso desejou obtela e teve o arrojo de pedir a João Meira, que nunca conhecera, a indicação do local onde poderia obtela, e na volta do correio foi-lhe amavelmente ofertada. Ficou-nos isto na memoria e passados anos viemos cair nesta terra onde João Meira nasceu e tinha por êle justificada veneração.

Foi então que mais de perto conhecemos o que valia aquele espirito brilhante a quem estava aberto um grande futuro.

O seu talento acomodava-se a todas as modalidades em qualquer especialidade a que se dedicasse, em pouco era uma figura de destaque dentro dela.

Mas um dia morreu!

A sua terra vestiu-se de luto e a sciencia e literatura sofreram uma irreparavel perda.

Pobre João Meira!

Tão novo e quando tanto havia a esperar d'ele, foi aniquilado por uma doença estúpida que o não poupou.

A cidade de Guimarães honra-se prestando ao illustre finado esta homenagem, mas não deve ficar por aqui:

O espirito de João Meira vive principalmente nos productos do seu talento. São eles que o poem em contacto com os que vivem e com os que vierem depois.

Pois é preciso prestar mais essa homenagem ao filho querido desta cidade. E' necessario fazer reviver, editada em livro, a obra, não larga, porque não teve tempo, mas brilhante de João Meira, que jaz escondida nos arquivos de familia ou dispersa pelas revistas.

E' o maior preito de saudade que lhe podemos prestar.

CARLOS SIMÕES.

PEDIU-ME, Thomaz, duas linhas para os «Echos» sobre o Dr. João de Meira. Disse-lhe immediatamente que sim, apesar da resolução tomada de só passear pelos montes. E' que um testemunho de saudade nunca se recusa quando a sentimos viva como eu a sinto ainda pelo malogrado e inolvidavel moço.

O Dr. João de Meira passou rapido, queimou-o a morte como a rajada de nordeste secca e fria a alva e mimosa camelia no momento em que desabrocha.

Por isso não deixou obra de vulto a estender-lhe a fama, a aureolar-lhe o nome. Mas no que produziu, ha segurissimo indicio do seu peregrino talento, prova irrefragavel d'uma facultade potente d'assimilação e critica. Com mais vinte annos, e seria ainda novo, o Dr. João de Meira teria lugar de destaque na lista luminosa dos homens verdadeiramente illustres do seu tempo.

O que, porem, mais me afficou ao Dr. João de Meira não foi tanto a sua forte organização cerebral, o fulgor da sua intelligencia robusta, como o bello caracter que possuia, a sua alma simples despretenciosa boa, porque Deus nos afaste sempre d'intellecuaes despidos de sentimentos nobres, falhos de coração.

Resuscitado Tacito, se, á luz do mundo actual, o ouvisse repetir—«graças aos Deuses!... vimos (coisa admiravel!) sessenta mil homens estrangularem-se de frente de nós, para nos recrearem»—eu fugiria d'este immortal como, na selva, a tímida gazella do caçador que a persegue.

CONEGO MOREIRA.

João Meira

FUI ao entêrro do João Meira. Pairava naquele ambiente junto da poetica capelinha de Gominhões um tal sentimento de luto e de dôr que confrangia o coração mais empedernido! Mas ali, naquele lutuoso recinto que fôra teatro de tantos sorrisos desprendidos de alegria, não havia um só coração empedernido, todos estavam totalmente despedaçados pelo compungimento mais verdadeiro e intenso! Jazia ali o cadaver dum moço illustre. Não era o cadaver dum filho de Joaquim Meira, era o cadaver dum filho idolatrado de Guimarães!

Há dores na vida inexprimeis de crueldade! Deus manda ao mundo ás vezes exemplos duma solenidade aterradora! Brinda a sociedade com um cerebro protentoso que é um escriptorioso de luz fulgurante e intensa, e quando os homens principiam a prelibar as delicias dessa luz peregrina para dessedentar as suas almas sempre sequiosas do saber, essa luz extingue-se, apaga-se num momento, ao sôpro dum Poder maravilhoso, ilimitado e eterno! Por mais que forcege a huma-

nidade por conservar vidas preciosas e ardentemente queridas, o Poder Eterno fazendo soar a temida hora fatal, a despedida tem que ser forçosamente, muito embora se maregem os olhos do pranto mais amaro, muito embora os corações experimentem o infortunio mais acerbo!

Recônditos arcanos de Deus! Devemos egual acato e obediência ao Poder Supremo que maravilha e assombra tanto nas manifestações vigorosas da alegria como nas manifestações fúnebres da dôr, porque tanto umas como outras tendem directamente a um plano de todo o sempre concebido da Ciência Suma e do Sumo Bem.

Mas o homem muito embora preste reverência ao seu Senhor e nêle tenha arrimo, é ás vezes tam fortemente acôitado pelo vendaval impetuoso e inclemente da desgraça, que não pôde permanecer de pé, cái prostrado na dor, e então o seu alívio, o seu recurso único, é chorar.

O João Meira foi chorado como ninguém!

Meu caro João Meira: Tu sabes (digo tu porque estás no campo incontestavel da egualdade!) tu sabes que te pranteei de-véras. Pediram-me há breves instantes duas palavras consagradas á tua memoria. Elas aí estão. Não devia negá-las, em coerência com a nossa privança, com a nossa estima... e com a minha pungente saudade! São breves e pálidas, mas sentidas. Brotaram dum jôrro. Teem o mérito da espontaneidade. Nada custa escrever, quando o coração fala. E não te magoe o que digo. Só magôa quem quer. E eu o que quis tão somente foi fazer subir até ti um brado de dôr, mas que sendo respeitoso para ti, o fôsse egualmente para Deus, junto de quem estás, e a quem tu, no êxtase permanente dos eleitos, sobretudo e mais do que a tudo, amas!

JOÃO MARTINS DE FREITAS.

JOÃO MONTEIRO DE MEYRA

MEU companheiro e amigo certo nas horas fugazes da mocidade, é com emoção que venho associar-me a esta comemoração tão justa.

Já lá vão alguns anos depois que vi lançar os pobres despojos do Meyra na «sepultura humilde» onde êle queria ir, e realmente foi «perpetuamente dormir». Pois ainda não suportou, sem um dolorosa tristeza, o pensamento de que ele desapareceu para sempre.

Não foi banal a sua vida académica: o Meyra não pensava, não estudava, nem gastava os seus ócios da mesma forma que o faziam os rapazes do seu tempo. E como os seus deveres escolares eram cumpridos sem grande método e sem grande entusiasmo, passou o tempo de estudante mal conhecido pelos mestres e mal apreciado pelos condiscípulos. Só uma pequena roda de amigos sabia que êle, em constantes leituras, estava adquirindo uma erudição perfeitamente rara para a sua idade e para o nosso meio. Tão sólida cultura humanista iria guiar uma brilhante carreira, que o destino tão brutalmente cortou quasi no seu início.

A sua dissertação inaugural, «O CONCELHO DE GUIMARÃES» uma das mais notáveis que á Escola do Pôrto teem sido apresentadas, constituiu, para os que não o conheciam de perto, uma verdadeira revelação e abriu-lhe, por assim dizer, as portas do magistério superior.

Pouco depois do seu ingresso no corpo docente da Escola Médica, fundava com o professor Maximiano Lemos a nova série dos «ARCHIVOS DE HISTO-

RIA DE MEDICINA PORTUGUESA», onde publicou alguns estudos, que são pequenas obras primas.

A maneira fácil e elegante como manejava a língua portuguesa, a sua vasta erudição, a tenacidade e a probidade com que trabalhava, e a segurança das suas deduções críticas, mostravam quanto-êle valia.

Cada vez é mais para sentir a falta de espíritos claros e educados como o dele, numa época em que a nossa Pátria tem de entrar numa larga obra de reconstrução.

Sob a égide de Martins Sarmiento, surgiu uma Bibliotéca e um Museu que constituem um título de glória para a milenária Guimarães.

Ali se criaram Alberto Sampaio, o Abade de Tagilde e João de Meyra, investigadores de arqueologia e história, que os seus patricios felizmente não esqueceram. A melhor forma de lhes honrar a memória é seguir-lhes o exemplo, não deixando quebrar aquela tradição vimaranense.

A sombra do castelo afonsino continuará sendo um ambiente deveras propício para o estudo da alma da nossa raça.

Pôrto 4-III-918.

J. A. PIRES DE LIMA.

João de Meira em Santo Tirso

Meira apreciava a minha terra, e não resistia á intimação duma visita.

Recebiamos-lo sempre na mais franca intimidade.

E no ardôr de prender um amigo estremecido, o fizemos conhecer a terra, as suas familias, e as tradições.

Era nosso intento fazer vibrar nele uma alma de tirsense para que do seu formosíssimo talento, da sua inexgotavel bondade, e da sua veia literaria tambem nos tocasse um pouco.

E recebemos muito. A revista que fundamos, «O Ave», dotou-a ele com um dos seus mais extraordinarios trabalhos, onde o Meira, literato, se revela em toda a sua pujança.

E essa obra primorosa foi lida e tão apreciada, que os melhores literatos portugueses esgotaram a edição, levando-nos o proprio numero vizado pela Fazenda.

O João de Meira escrevia sempre, e escrevia muito.

Um belo dia, no seu quarto em Santo Tirso, poz-nos deante dos olhos, sete artigos, qual deles o mais curioso, para sete revistas em que colaborava.

E com o ciume de que «O Ave» não fosse contemplado, logo lhe marcamos prazo para novo artigo.

—Que ha de ser?

Objectou o João de Meira. E pensando, e rindo, falamos das coisas da minha terra, que despertassem no seu cerebro fecundo, privilegiado, qualquer assumpto onde vincasse a sua bonhomia alegre, o seu cavaco e chiste.

E num relance, o João, tendo abrangido a historia intima da minha terra pressuroso architectou:

—«Sherlock Holmes em Santo Tirso».

Magnifico, pensamos nós. Nada escapará á sua improvisada astucia; o pormenor mais recôndito surgirá burilado no quadro da sua imaginação, e o colorido, a expressão, a vida, tudo terá realce no seu conto.

Mas, a Fatalidade!...

O Meira, no seu quotidiano passeio de Guimarães á Escola Médica do Porto, desceria, certo dia, em Santo Tirso, passando sob as eras da estação, que o encantavam, e aparecer-nos-hia com um Nick Winter que se roubara a si proprio.

Não chegavam porem. No seu logar, surpreende-nos um telegrama que ainda guardamos junto ás suas enestimaveis cartas, reliquias dum chorado amigo:

«Não posso ir. Estou com gripe.»

Foi a sua despedida á minha terra.

Nunca mais os tirsenses o viram.

Mas a admiração, a estima, e o sentimento que pode caber num coração tirsense, jamais desaparece.

E hoje quereríamos transformar-nos tambem num Vimaranense, evocando o notavel espirito de João de Meira, com a vehemencia da mais entranhada amizade, aquela devoção com que o fazem os filhos de Guimarães.

E num preito de saudade, vimos assim prestar-lhe homenagem, ligado aos seus conterraneos, aos seus mais dedicados amigos, ao seu estremo Pae, com quem queremos sentir como se fôramos um irmão de João de Meira.

JOSÉ COELHO D'ANDRADE.

Nota da redacção

Usando-se na redacção d'este semanario a antiga orthographia, nem porisso a conservamos no presente numero para seguir a que os nossos illustres colaboradores eventuaes, que o honram com a sua prosa brilhante, se dignaram enviar-nos.

NOTICIARIO

Procissão de Passos

E' no proximo domingo, se o tempo o permittir, e no caso contrario no Domingo de Ramos, que se effectua esta solemne e magestosa procissão, sem duvida a primeira de Guimarães.

Sabemos que os seus illustres promotores teem envidado todos os esforços para que ella não desmereça em nada do esplendor dos annos transactos, antes mesmo o exceda.

No fim da procissão, que sahirá da igreja dos Santos Passos ás 5 horas officiaes, prégará o sermão do Calvario, como já noticiamos, o distincto orador e illustrado professor Snr. dr. Alfredo Dias Pinheiro.

Bom seria que a Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães estabelecesse nesse dia, como em outros annos passados, comboios extraordinarios a preços reduzidos.

Sociedade Martins Sarmiento

Hoje realisa uma conferencia no salão de festas da prestante Sociedade Martins Sarmiento, o nosso querido amigo e talentoso jornalista snr. Dr. Alfredo Pimenta.

E' grande e justificado o interesse que ha em ouvir o distincto orador, podendo afirmar-se que o dia d'hoje ficará gravado nos annos da Sociedade como um dia de festa consagrado.

Hontem realisou-se naquella brilhante collectividade a Festa de 9 de março. A falta de espaço não nos permite descrever o que foi essa festa, o que faremos desenvolvadamente no proximo numero.

De luto

Pelo fallecimento da ex.^{ma} Senhora D. Josephina Leão da Cruz Barbosa, encontra-se de luto o respeitavel vimaranense e nosso presado amigo snr. Abilio José da Cruz, a quem apresentamos os nossos sentidos cumprimentos.

Propaganda de Portugal

O «Bureau de Renseignements», de Paris, começa a dar os seus fructos.

Apesar de installado ha pouco tempo, o «Bureau de Renseignements», que a Sociedade Propaganda de Portugal, com o auxilio do Estado e de varias collectividades particulares, fundou em Paris, começa a dar já os melhores resultados.

A' sede d'essa nova instituição, que tão altos serviços promete prestar ao nosso paiz, é já avultado o numero de portuguezes que vão pedir esclarecimentos, como são tambem muitos os estrangeiros que alli se dirigem para colherem informações sobre Portugal. O Director do «Bureau», snr. Jayme de Padua Franco, tem feito tudo para que do esforço notavel realisado pela S. P. P. resultem as maiores vantagens, e assim, além de no «Bureau» se começarem vendendo qualquer dia bilhetes de Caminho de Ferro, procura espalhar lá fora o maior numero possivel de impressos vulgarisadores de tudo o que em Portugal haja digno de ver-se e seja capaz de despertar a curiosidade dos turistas.

Mas não se tem limitado a isso a actividade do snr. Padua Franco. Effectivamente, o Delegado da Propaganda, não esquecendo os interesses dos socios d'essa collectividade, tem procurado nos theatros e hotéis de Paris lhes sejam dispensados beneficios apreciabilissimos. Pelo que respeita a theatros, em todos elles teem já os socios da Propaganda, descontos que oscillam entre 20 e 50 %, descontos esses validos mesmo aos domingos e para as matinées.

Quanto aos hotéis, ha entabladas negociações que, uma vez bem succedidas, provam quanto o «Bureau» de Paris é util.

Officina de S. José

E' dia de jubilo e festa, não só para esta bellissima instituição como ainda para toda a cidade de Guimarães, o dia 19 do corrente, em que os rapazinhos da «Officina de S. José» darão solemne entrada na sua nova sede, —o antigo Convento das Capuchinhas.

E' ás 2 horas da tarde (hora official) que se realiza a entrada solemne nas Capuchinhas, sendo em seguida offerecido um jantar aos internados d'este estabelecimento de caridade nos claustros do edificio, que estará patente ao publico. A's 6 horas da tarde, emfim, no templo dos Santos Passos, haverá sermão de S. José e «Te-Deum», executado pelos rapazinhos, em acção de graças.

Varias esmolmas teem sido offerecidas para as obras de reparação do velho Convento, sendo de esperar que a caridade dos nossos queridos conterraneos as auxilie mais e mais, como tão necessario é. Entre outras pessoas, subscreveram já: Dr. Henrique Cardoso de Menezes e Ex.^{ma} Esposa, com 100.000 réis; Ex.^{mas} Baroneza de Pombeiro e Filhas, com 35.000 réis e D. Maria Sequeira da Cunha (Arentim), com 20.000 réis.

Convite

A Comissão Administrativa da «Officina de S. José» tem a honra de convidar por este meio todos os amigos, bemfeitores e subscriptores d'esta instituição de caridade, e em geral todos os vimaranenses, a assistirem á sua festa de 19 de Março, que constará d'um jantar offerecido aos internados, pelas 14 horas (officiaes), na sua nova sede—o antigo Convento das Capuchinhas, e d'um solemne «Te-Deum» ás 18 horas, na igreja dos Santos Passos.

Editos de 30 dias

(2.^a publicação)

Pelo juizo de direito d'esta comarca, cartorio do escrivão, abaixo assignado, correm editos de trinta dias, que se começarão a contar da ultima publicação d'este annuncio, citando Manoel Ribeiro Pinto Maia, tambem conhecido pelo nome de Manoel Ribeiro, morador que foi no logar da Quintã, na freguezia de S. Thomé de Caldellas, d'esta comarca, e actualmente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para no praso de dez dias, depois de findo e dos editos, pagar a Antonio Fernandes, viuvo, proprietario e morador no logar da Igreja, na dita freguezia de S. Thomé de Caldellas, a quantia de 1:123\$90,2, importancia do capital e custas, em que foi condemnado na acção de processo ordinario, que lhe moveu o dito Antonio Fernandes, ou nomear á penhora bens suficientes, sob pena de se devolver ao exequente o direito de nomeação e de se proseguir nos mais termos legais de execução até final.

Guimarães, 21 de fevereiro de 1918.

Verifiquei.

Santos.

O escrivão,

João Joaquim d'Oliveira Bastos.

ARREMATACÃO

(2.^a publicação)

No dia 10 do proximo mez de março, ás 10 horas, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, situado na rua do Gravador Molarinho, d'esta cidade, se tem de arrematar em hasta publica diversos bens moveis e nove cortiços de abelhas que estarão patentes no acto da arrematação, á qual se procede por effeito da execução de sentença, que Antonio Lopes Leite de Faria, da freguezia de S. Faustino de Vizella, d'esta comarca, move contra Manoel Pinto Gomes de Faria e mulher Angela Leite Machado, da freguezia de S. Paio de Vizella, tambem d'esta comarca.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos dos executados.

Guimarães, 25 de fevereiro de 1918.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Santos.

O escrivão,

João Joaquim d'Oliveira Bastos.

Livros baratos em perfeito estado de conservação

Novo Dictionario Francez Portuguez, por José da Fonseca.

Manual de Direito Ecclesiastico Parochial para uso dos Parochos, por Antonio Xavier de Sousa Monteiro.

Catecismo Para uso dos Parochos feito por auctoridade de decreto do Concilio Tridentino, publicado por mandado do S. S. P. Pio V.

Todos estes livros se vendem por metade do seu preço ou ainda por menos na Typographia Minerva. Ha apenas um exemplar de cada um.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á
Papellaria e Typographia Minerva Vimaranes
68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz.

Um volume de 60 paginas, em 8.^o

Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas doatus ao alence de todos, pelo Padre De ville, Doutor em Theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo-Primaz.

Um volume de 64 paginas, em 8.^o

Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o

Em brochura 100 réis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ideis á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz

32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:

Avulso, franco de porte. 30 réis

Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 25 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de parte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Pedidos acompanhados da importancia a Antonio Luiz da Silva Dantas:

COMPANHIA DE SEGUROS "O FUTURO,"

Séde—Rua do Mundo—LISBOA

TELEPHONES N.^{os} 2771 e 3471 TELEGRAMMAS FUTURO

Capital: UM MILHÃO E ESCUDOS Esc. 1.000.000\$00

Seguros de vida, dotações para crianças, etc. Rendas de sobrevivencia—Seguros Monte-Pio

garantindo pensões liberaes desde Esc. 60000, pagos vitaliciamente pela Companhia aos herdeiros, beneficiarios, seja qual for o seu ESTADO SOCIAL OU EDADE. Seguros de Vida em caso de Guerra durante os serviços em campanha.

Seguros de Accidentes no Trabalho

Seguros terrestres, seguros de mobilia contra incendio e roubo na mesma apolice pelo premio que antigamente custava só o seguro de fogo (\$20 cada 100\$00).

Seguros de rendas de propriedades e lucros cessantes, em caso de incendio. Seguro de crystaes, grèves e tumultos, roubo, etc. Seguros contra bombardeamentos. Seguros Maritimos e Fluviaes contra todos os riscos, incluindo GUERRA.

Acceitam-se correspondentes e productores na provincia e ançariadores em Lisboa

Correspondente em **GUIMARÃES**

Benjamin de Mattos

TOURAL, 105.

A MODELAR

ESCRITORIO:

R. de Cedofeita, 1034 e 1039
Para onde deve ser dirigida toda a correspondencia

Officina de Repicagem de Limas

DE **Lima & Carlos**

OFFICINA:

R. Aliança, 190—PORTO

Tabella de repicagem — Preços por lima

Polegadas	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Bastardo	\$08	\$09	\$10	\$11	\$12	\$15	\$16	\$18	\$21	\$24	\$27	\$32	\$36	\$40	\$44	\$49
Murça e grosas . . .	\$09	\$10	\$11	\$13	\$15	\$17	\$20	\$24	\$26	\$33	\$38	\$44	\$49	\$54	\$59	\$64

Grosas sapateiro, pequenas \$17, grandes \$22; grosas ferrador, pequenas \$40, grandes \$50
OBSERVAÇÕES: Pagamento contra entrega de fazenda e sem desconto

Correspondente **Antonio Luiz da Silva Dantas** nesta cidade: Rua de Payo Galvão, 70

Escola Académica de Guimarães

Instituto de educação e ensino, autorizado pelo Governo por alvará de 19 de Julho de 1916.

Instrução Primária e Secundária, sendo esta frequentada no Liceu. Professores todos diplomados e inseritos.

O seu reclamo tem sido feito pelos próprios alunos.

D'isto se ufana a Escola Académica.

No ano transacto frequentaram esta casa 102 alunos internos.

O Director,

P.^e José Maria da Silva.

Officina de Manoel Gonçalves Lobo

102—Rua de D. João I—104—GUIMARÃES

Escarrega-se de canalizações para agua e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fora.

Executa trabalhos em metal, taes como: Lanternas e gazometros para automoveis, em cobre; alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estanhar e fundição de metaes. Garante-se a solidez e perfeição.

Modificam-se e concertam-se pulverizadores.

Compra e vende metaes velhos de todas as qualidades.

Fabricação de alambiques e aparelhos em todos os systemas.

A LUZITANA

Companhia de Seguros

CAPITAL: 500.000\$00

Seguros de Vida

Rendas de sobrevivencia (montepio)

Dotes para crianças

Seguros contra fogo, seguros maritimos, cristaes, greves e tumultos

Direcção eleita em 1917:

Presidente da Direcção, Conde de Verride Proprietario e Capitalista	Administrador Delegado, A. Vasconcellos Correia Engenheiro Director da Real C. ^a dos Cam. de Ferro Portuguezes	Director, Carlos Leitão Official Superior do Exercito
Presidente do Conselho Fiscal, Conde de Caria Proprietario e Capitalista	Medico da Companhia em Guimarães, Ex.^{mo} Sr. Dr. Leite de Faria	Correspondente em Guimarães, José Gonçalves Barroso

Livraria e Imprensa Civilização

75, RUA das OLIVEIRAS, 77 — PORTO

A BIBLIOTHECA PORTUGUEZA-EDITORIA, annexa á Imprensa Civilização sita á Travessa de Cedofeita, 54, Porto, acaba de instalar-se na rua das Oliveiras, 75 antiga *Livraria Figueirinhas & C.^a*

A nova casa editora que fica pertencendo á Imprensa Civilização, tem á venda além das suas conhecidas edições muitas outras em Religião, Sciencia, Arte, etc.

Fornece para revender nas melhores condições, dando grandes descontos em livros escolares, p-r ser a unica depositaria da serie escolar e demais edições da antiga casa *Figueirinhas & C.^a*

Serie Escolar Figueirinhas

- Primeiro Livro de Leitura.*
- Segundo Livro de Leitura.*
- Grammatica Portugueza.*
- Educação Civica.*
- Historia Patria.*
- Manuscrito.*
- Chorographia.*
- Agricultura.*
- Sciencias naturaes.*
- Arithmetica.*
- Moral.*
- Caderno de Arithmetica* (Operações, exercicios, problemas).
- Cadernos de Escripita* (cinco).
- Escripita Direita* (6 cad.).
- Tabuada das Escotas.*
- Tabuada de 10 reis.*
- Geographia* (Para os Lyceus e Escolas Normaes).
- Primeiras Leituras.*
- A B C do Estilo e da Redacção.*
- Manual do Estilo e de Composição* (Para a 4.^a classe).

Outros Livros Escolares

- Cartilha Portugueza*, por A. Justino Ferreira.
- A B C*, por Adelino Campos.
- A B C*, por Manuel de Mello.
- O Meu Livro*, por José Agostinho.
- Exercicios de Estilo*, (Themas de Redacção e Composição, para as Escolas Primarias), por Manuel de Mello.
- Civilidade*, por José Agostinho.
- Methodo Moderno*, por Alfredo B. Serra.
- Gymnastica Sueca*, por Eusebio de Queiroz.
- Resumo da Historia de Litteratura*, "Antiga, Medieval e Moderna", (Segundo o programma official de 29 de Agosto de 1905) pelo General J. Corrêa dos Santos.
- Resumo de Zoologia e Botanica*, Para o 3.^o anno dos Lyceus. Idem para o 4.^o, 5.^o, 6.^o e 7.^o, pelo General J. Corrêa dos Santos.

São estes os melhores livros e os que devem ser adoptados pelos bons professores, pois em todos se usa a orthographia moderna.

Livros claros, em harmonia com os programmas, e baratissimos.

Grande Hotel Villas

Caldas das Taipas

O mais proximo dos antigos banhos. Ligado aos modernos pela nova avenida. Ampliado com novos quartos mobilados e sala de jantar, offerecendo todas as commodidades modernas. Com mais esta ampliação ficou a casa completamente remodelada.

Proprietario,

Francisco de Oliveira Villas.

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adeantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES (Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno	1\$800 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$000 "
Paizes da União Postal	2\$500 "
Numero avulso	30

Anuncios e communicados, linha	60 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; editado num elegante opusculo, precedido da narração do **interessante episodio** que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 réis.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesse B. Payo Galvão—Guimarães.

Echos de Guimarães

IV Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 202

Ex.^{mo} Snr.